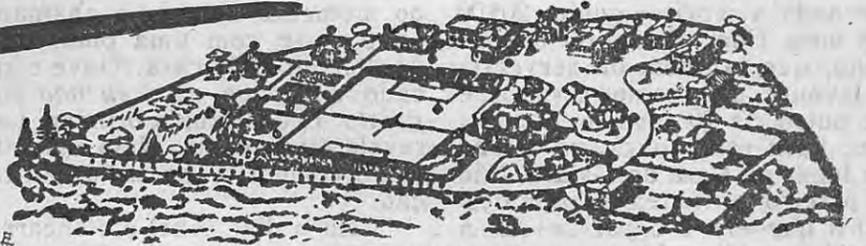


AVENÇA


 Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X * N.º 249 * PREÇO 1500

UMA INAUGURAÇÃO

Como havia sido comunicado na imprensa e na rádio, teve lugar a inauguração de uma nova extensão da Casa do Gaiato de Miranda. Temos pena de não ter neste momento à mão, mas no próximo número daremos à estampa algumas fotografias. Trata-se de um edifício aonde o P.º Horácio instalou 10 chuveiros no andar fundeiro, cozinha e refeitório no primeiro, e outras dependências no segundo andar. Temos, assim, um conjunto de instalações com todos os precisos para uma comunidade de 80 Rapazes.

Fomos por aí abaixo de véspera. Levei o Zé da Lenha, por prémio dos bons serviços que ele vem prestando na tipografia; e também foi o Sérgio, por ter passado naquela casa os seus verdes anos da obra. Era para almoçar em Águeda, mas quem podia fazê-lo, de tanto calor! Atravessamos o rio Vouga, reduzido a uma longa esteira de areia branca, com nódulos de água estagnada. O rio Águeda, era da mesma sorte e o Mondego levava um leve fio encostado à margem e mais nada. Das fontes à beira das estradas, não vi nem uma com água. Muitas árvores secas. Extensas pinhais queimados por incêndios recentes. Sementeiros perdidos. Pomares a arder.

Recordo-me que em pequenino, justamente nesta quadra, foi superlucamente ordenada uma procissão de penitência a certa igreja. O povo ia descalço. Não significava isso grande penitência, pois que era então e ainda hoje uso do nosso povo. Mas impressionava ver aquela massa de gente com roupas de domingo e sem nada nos pés. O povo fechou as portas. Os lugares despovoaram-se. Os caminhos iam cheios em direcção à igreja. Houve um sermão de penitência. O pregador, sem ninguém

contar, chama pelas crianças, em cujo número eu estava. Manda-nos colgar jantinhos ao pé do altar principal e ali, pergunta a Deus e quer saber que mal tinham feito no mundo aquelas crianças! Nós sim. Nós merecemos o castigo, continua o pregador. Recordo que esta maneira de agir fez chorar toda a gente. O pregador foi muito feliz. Sentia. O povo também; e a verdade é que choveu! Era pequeno, mas jamais me esqueci. Gostaria hoje de tomar parte em uma idêntica procissão, pois que também as circunstâncias o são; e tenho pena que se vá perdendo o costume de pedir a Deus publicamente, em acto de culto, aquilo que está em Suas mãos e vontade.

O dia seguinte, em Miranda, comecei pela missa, tendo alguns dos rapazes feito a sua primeira comunhão. Estava o povo do lugar. E também de Coimbra, no primeiro comboio, chegaram os amigos mais pertinhos do coração. Às dez horas, P.º Adri no celebra para novos convidados, que chegariam àquela hora. O senhor Arcebispo veio à hora marcada e às tantas, estavam todos postos nas mesas postas.

O P.º Horácio quis mimosear todos com aquilo a que poderíamos chamar uma «academia». Foi ao ar livre. Da próxima vila da Lousã, estava o pároco e alguns dos seus paroquianos. De Lamas também. Da vila de Miranda. Outros lugares. Muita gente. A banda de música local, esteve uns momentos e tocou à chegada do Prelado. Subiram foguetes. Era festa portuguesa em Portugal.

A hora marcada, começam os actores. Os senhores sabem o que são as nossas festas no Coliseu do Porto, não é assim? Pois então fiquei sabendo que naquela hora, em Miranda, foi uma réplica fiel. Gostei de recordar, em dia tão faustoso, a primitiva moradia, ainda hoje a uso, que foi o berço das casas do Gaiato. Logo no segundo ano, começaram a lançar as vistas ao longo e a procurar fazer lugar para mais rapazes da Obra. A primeira a ceder, foi a Ti Maria Godinhela, mesmo chegadinha a nós, que nos vendeu a sua casa à morte do marido. Nove contos. A seguir, vem a senhora Arélia que vendeu o seu terrado por vinte e cinco. A Ti Pintá, contentou-se com cinco. O Ti Leandro pediu e recebeu um pouco mais. O José Maria, também recebeu o seu quinhão; e desta sorte, dentro de dez anos, de um aglomerado de casebres, levantou-se o corpo magistoso que é hoje a nossa casa. Mil e oitocentos contos!

Tinha acabado a festa. Começa a desbandada. Lembrado do que havíamos ontem sofrido com o calor, que hoje era igual, resolvi sair mais tarde e fizemos mais de metade do percurso com de noite.



Crónicas de África

Tinha chegado a hora de largar Roberst Field. A comitiva dos sete passageiros encontra-se à roda do avião.

Recordo uma avioneta pintada de amarelo, dentro um guia protestante e nas asas o nome da Missão a que pertencia. Antes de nós saiu ela.

O porto imediato é Dakar. Dois meses antes tínhamos passado por ali, mar alto. Era noite. Fuzia escuro. Um grande número de faróis, cada um a seu modo, abriam brechas na escuridão. Pelo seu número e volume, ficamos a supor que aquela cidade é de grande comércio e o seu porto muito procurado. Ia agora a caminho dela.

Júlio mostra-se contente e da mesma sorte todos os mais passageiros; dizia-se que amanhã de manhã chegaríamos a Lisboa. Não há nada que melhor saiba do que, uma vez fora da Pátria, ter a dita de regressar. Com o ser mais demorada do que nos Constellations, a viagem, nesta modesta nave não era de maneira nenhuma enfadonha. Variava-se de terras, de panoramas, de comida. Conversas também. Mais do que companheiros de viagem, nós eramos uma família. A hospedeira gostaria de ler dentro de cada um, para melhor servir. Os oficiais não tinham mais que nos dizer. São viagens que jamais esquecem. Em cada um deixa-se um amigo. Por muitos títulos tenho pena que me tivessem tirado o passe que um dia me deram entre Lisboa e Porto. Por muitos títulos sim, mas sobretudo porque agora só em caso de necessidade tornarei a voar!

A hora marcada estávamos no aeroporto. Primeiramente avistamos a cidade. Mais perto distinguem-se as casas, algumas delas tipo arranha céus. A seguir voamos por sobre um imenso bairro de casas modestas. Depois vem o porto. Pousamos. O campo é igual aos outros. As formalidades são do mesmo estilo. Uma hora deve ter sido o tempo que ali demoramos. Fala-se francês e come-se à francesa. Pela maneira de vestir, os pretos que nos servem, parecem ser discípulos de Mahomet. Sem dúvida o eram alguns que eu vi no aeroporto, porque à hora que eles sabem, prostaram-se com a face na terra, em direcção a Méca. Toda esta região que nós atravessamos, é semeada de muçulmanos. Da Costa do Ouro, saem para Méca grandes e constantes peregrinações. Anunciam-se em vistosos cartazes, como nós fazemos aqui

às romarias. Por eles, ficamos a saber os dias em que os aviões partem, a demora, e o custo. São viagens caras, aquelas da Costa do Ouro. Só os ricos mercadores. Estes não se dispensam do título Hagy e por todo o preço o vão buscar ao túmulo do Profeta.

Tínhamos feito a nossa refeição no restaurante de Dakar. Eram quatro horas da tarde. Uma senhora francesa presidia. Havia poucos passageiros. Pouco tráfego. Enquanto estivemos, só duas naves entraram. A hospedeira começa a chamar pelos passageiros. Como nenhum de nós saiu do porto, não fomos perguntados e a ninguém respondemos. Iam dar seis horas da tarde. As hélices dos motores começam a movimentar-se. Colocam a escada. Subimos. Tomou cada um seu lugar. A porta fecha-se. O avião arranca.

A esta hora, não se sabe ainda se é Las Palmas ou Casablanca, o porto aonde vamos descer. Tudo depende de certa informação que o piloto receberá. Mas isso não nos perturba. O certo é que vamos em direcção a Lisboa. Não tornaremos mais a dormir em terra. Qualquer que seja o ponto intermedário, ninguém nos tira a esperança de amanhã tornarmos a ver as gaivotas a procurar de comer nas águas revoltas do Tejo.

Não há fortunas honestas

A propostas arrojadas, responde-se com afirmações arrojadas; daí a epigrafe.

Foi o caso que alguém, ao serviço da sua Representada, ap rece aqui em casa no intuito de fazer negócio. Era a terceira vez. Oferece e informa: — dez contos são para ti. O rapaz, um quase imberbe, repudia. O negociante insiste e faz doutrina... dele. O Tentado, vence. Prostrados, demos todos graças ao nosso Bom Deus, Pai Amoroso; e ao Espírito Santo que ilumina e vivifica as almas. Graças por ter esta Obra chegado já a tais alturas sociais, que haja nela ocasião para lutas de respeito: dez contos são para ti. Graças, e aqui infinitas, por haver nela, na Obra, o Rapaz nado e criado, pronto a responder segundo o Decálogo. Se alguma vez, alguém, com verdade, diz ou tem dito coisas elevadas da Casa do Gaiato, nunca nenhuma tão alta como este episódio!

UM ACTO HERÓICO

Mal refúgio das últimas emoções dos cisamentos, eis que nova pancada me vem dar no coração. É da Zimbábua. E de um que há pouco tempo daqui saiu. O Carlos Gonçalves.

«Aquele que se encontra num mundo novo, libertado da miséria e que nasceu conlenado a ela, envia o seu primeiro ordenado por via da Obra que o libertou. São 2.500\$00

Eu sei que isto é uma gota de água no oceano, compirado com aquilo que devo à nossa Obra. Mas é com grande alegria que o fiz. É o meu primeiro ordenado».

NOTA DA QUINZENA

A mãe veio aqui com ele pela mão. Em casa, ficara uma filha, que anda a servir e ganha 20\$00 por mês. Com ela trazia o mais velho, que também dá serventia na lavoura, pelo comer e vestir, e um outro de 10 anos, o Zé. Era este. Para este, solicitava a mãe um lugar na Casa do Gaiato. Não foi preciso muito tempo para descobrir que ela é capaz de dar a criação ao filho. Ali mesmo propozemos uma tença. Tratava-se de uma viúva que perdera seu marido em morte violenta; mais dor! Usava lenço preto na cabeça, outro traçado no peito e saía da mesma cor. Arrecadas. Bem falante. Sinceridade. Retirou-se com os filhos e na algebeira, a quantia do primeiro mês.

Fingindo-me azedo, disse à mãe que na próxima visita esperava ver o filho com outra cara, de doente que então era. Dias depois recebo notícia de um médico, comunicando-me que só o mar. Praia. Calhou bem. Justamente por essa altura, tínhamos em Leça casa alugada. Todos os anos, assim fazemos, Julho, Agosto e Setembro, acudindo assim aos que precisam. Mandou-se vir o Zé com alguma antecedência para se ir habituando aos nossos usos e costumes. Apresenta-se. *Sejaquim*, ignorando as coisas, ao terceiro dia manda-o chamar. Andavam todos, ao tempo, a bri-

UMA SURPRESA

Não sei se os senhores se recordam de uma pequenina referência feita no corpo das *Crônicas d'África* à mobília da Casa Olaió, que fomos encontrar nas espaçosas salas de um restaurante na Libéria. Júlio e eu, sentamo-nos em cadeiras e tomamos uma refeição de sabor americano sobre a mesa. Muitas cadeiras. Muitas mesas. Um mixto de surpresa e alegria apoderou-se de mim, ao enxergar o nome da casa, não podendo agora afirmar se este era gravado na madeira e numa placa de metal. Seja como for era a Casa Olaió. Imediatamente me conduzi em espírito aos arredores de Lisboa, aonde se vê, quem passa na estrada, o edifício das oficinas e fiquei muito contente, por dizer a careta com a letra. Na verdade, é muito agradável à vista o sítio e a estrutura do edifício. Adivinha-se esmero lá dentro. E eram bem acabadas todas as peças, ao serviço dos passageiros, nos salões do restaurante. Surpresa e alegria, sim. Parece que devia ter sido uma indústria americana. Aquela parte do coração de África é regulada pelos americanos. Eles, assim como outros países, não deixam perder nada. A luta pela vida é o selo branco dos homens. Parece que devia ter sido uma indústria americana, sim. Mas não. Fomos nós. Nós, os portugueses. Sentei-me numa cadeira portuguesa a comer e a beber coisas americanas!

Quando se anda lá por fora, gostamos de ouvir dizer bem das nossas coisas e das nossas pessoas. A distância dá volume. As saudades dão-nos gosto. Se assim é do ouvir, quanto mais do observar. Ora foi este ver com os meus olhos que me encheu de alegria. Se não era Portugal, estava ali o

(Continua na quarta página)

tar pedra para uma placa do futuro edifício das oficinas. O Zé, no momento em que o chamam, ocupava-se com uma bola, num dos terreiros da casa. Ouve o recado e diz que não: *eu não sou gaiato*. E continua a brincar. Isto revela inteligência. Num instante compreendeu a nossa organização.

Vem o dia. Abel é o encarregado de conduzir novos turnos no fim das quinzenas. Zé embarca. Uma vez em Leça, não estranha. Parece ter já pisado areia e navegado! Nada o impressiona. Em casa, é correcto. Perguntado o que deseja fazer, chegou a Paço de Sousa, a resposta vem logo na ponta da língua — *quero ir pra minha mãe*.

Regressou. A sua mãe tinha ido e estava ainda no hospital de Penafiel. Comunhou-se o facto ao Zé. Ele compreende. Espera. Enquanto o faz, ajuda a todos aqui sem, contudo, ter obrigação definida; ele não é gaiato. Conquistista simpatias. Por ser de todos e não ter obrigação, é chamado o *Zé Ninguém*.

Mas chega o dia. A mãe sai do hospital e aparece. *Zé Ninguém* transtorna-se. Pequeno, ao pé da mãe que também é miúda, Zé confunde-se com ela. Vai direito às origens. É invadido pela intuição. Sabe que nasceu dela. Tem saudades dos seios. Recordada-se dos tempos do colo.

A mãe vai-se aproximando da senhora da cozinha. Expõe. Sente-se muito fraca. Convinha-lhe receber a tença e deixar o filho por mais uma temporada. *Com este dinheirinho vou-me alimentar e depois venho por ele*. Nada de mais racional.

A senhora da cozinha escolhe o momento. O *Manel do Embrulho* chama o *Zé Ninguém* e nisto a mãe desaparece. Leva com que se tratar. Dixa o filho entregue. Se existe uma Obra no mundo capaz de remediar os pequeninos problemas dos Pequenos, demos graças a Deus por ela.

Zé Ninguém, desata a chorar por não ver à sua mãe; e chora por muito tempo. Ele que jamais tinha aqui vertido uma lágrima, agora deixa as cair todas, até ficar exaustol. Adormeceu. Acorda. Eu passo e o pequenino, de onde estava, levanta a voz para exclamar: *a minha mãe fugiu-me!*

Se tivesse sido possível, no momento, reproduzir fielmente a paixão do filho, tínhamos uma ideia do que é a grandeza da Mãe!



Eis aqui um aspecto da Caverna dos nossos dias. Quem lá tudo parece cunhar para que aos homens nada falte, a esse falte-lhe tudo. Perdão. *Faltava. Hoje tem casa.*



TRIBUNA DE COIMBRA

Desde Abril que aqui não aparecemos a dar contas daquilo que nos têm dado. É que a fonte afrouxou um pouquinho, talvez também devido à grande estiagem, contudo, nós não afrouxamos, nem diminuindo o grupo de rapazes, nem o curso das obras. Talvez muitos pensem que depois da ida do Sr. Padre Américo à África já estamos ricos e não necessitamos do fiozinho que corre sempre. Engano. Poderíamos ter muito dinheiro mas continuaríamos a ser pobres. Na Obra da Rua, reina o espírito e não a matéria. Nós queremos e temos de ser pobres. Esta é a nossa grande riqueza. Esta é a nossa benção.

E porque somos e queremos e temos de ser pobres é que nós vamos ao encontro daqueles que não vêm. Vamos às igrejas e às praias e às termas. Onde houver almas aí estamos nós; onde só reinarem corpos, não aí o nosso lugar. Os *padres da rua* querem ser instrumento de salvação, para si e para os outros. E é por isso que pedem e pregam a necessidade de dar. É o Evangelho. É a necessidade da salvação para todos. Muitos se não se lhes arrancar alguma coisa em vida a favor dos seus irmãos pobres, chegam junto do *Tribunal das Contas* com a mala completamente vazia. Eis a nossa missão de *padres pedintes*, instrumentos da vossa e nossa salvação; eis o fim do vosso dar; a vossa e a nossa salvação tudo por amor a Deus.

Em Santa Cruz de Coimbra deram-nos cinco; na Sé Velha 1 500\$; nas Carmelitas, além das orações e sacrifícios, oitocentos; no Seminário seiscentos e tal.

Aos que saíram da sua casa ou para curas ou para férias, nós saímos também ao encontro deles, não fossem gastar tudo sem proveito algum para a alma. Do Luso trouxemos três mil e setecentos escudos; de Monte Real, quase tanto como do Luso; da Figueira, um nadinha mais que de Monte Real; da Nazaré, pouco menos que da Figueira. De S. Martinho do Porto trouxemos oito contos e meio e muitas atreções. Chegaram a nossa casa por vários metros: duzentos e dez em vale, dum dos grandes amigos; quarenta da anónima dos Casais; 25\$00 no hospital para os seus pobres; um estudante com a assinatura e mais; ferragens e portas e uma lata grande de azeite levada ao Lar. Sija por alma de seu marido. Roupas usadas; mais, do O. do Hospital; brinquedos para o Hélio e Carequita; cinquenta dum entrevistadinho que leu a «viúva de 8 filhos»; vinte de visitantes; cinquenta mensais dum médico; visitantes com setenta e outros com vinte e mais com 23\$00 e vales com 40\$00; vinte de P. Delgado; igual quantia para os treços em casa de pessoa amiga; livros de Júlio Diniz, de visitantes; vinte para juntar ao pedidório da Sé Nova; o mesmo de visitantes; uma peça de pano de S. Miguel das Aves de quem escuteu o apel; sapatos e azeite e vinte no P. Delgado.

Dois fatos muito bons de Tentugal; três camisolas de lã de Mira. É assim muitas vezes. Um garrafão de vinho e vinte para cerejas da Mãe de Tábuas. Não podemos aqui enumerar o que esta Mãe deu para as Colónias. Cinquenta num envelope a um vendedor; o mesmo de igual modo no Lar; dois cestos de cerejas de quem Deus já levou e a quem já deve ter dado a recompensa por tudo aquilo

que nos deu. Vinte de uma Mãe que também tem uma filha doente dos pulmões; dez para os meus pobres; cem da Maria Helena e Maria Isabel por alma do A. Q. Que amor o destas netinhas! Cinquenta de promessa ao P. Cruz; o mesmo a um vendedor para a Conferência e para a casa; dez e mais quinze *duma figueirense*. Uma senhora que mandou buscar doces; mais cinquenta; igual quantia e um embrulho de roupinhas de Adélia Alfredo e Mariduarda, da vila António Enes ou Xixai. Outra vez a anónima dos Casais com roupas e 40\$00; cem no Castelo da Sofia para as Colónias; os quinhentos do costume para o bacalhau, lá também. Este senhor apesar de viver, longe, nunca se esquece. Que Deus também se não esqueça dele!

Cem dum senhor Doutor visitante; metade dum senhora; do amigo de sempre 300\$00; um sacerdote de passagem deixou cinquenta; os empregados do Barco Espírito Santo de Coimbra foram às Berlengas e como lembrança trouxeram nos quase duzentos; mil das primícias dum novo Sacerdote apaixonado. Que o Senhor o traga, que bem necessário cá é!

Eu que fui encomendar camas e além da atenção deram-me quinhentos; cinquenta angolares de Benguela dum graça de S. Judas Tadeu; cem de visitantes; uma bola do Brasil dum senhores que cá vieram; 140\$00 de sacerdotes visitantes; 112\$50 de visitas; cinquenta da mãe dum Sacerdote; o mesmo dum visitante de Lisboa; cem dum família visitante de Moçambique.

Que Deus tenha isto tudo na Sua divina presença.

PADRE HORÁCIO

UM CENTENÁRIO

Foi no passado dia 8.

Um século atrás, à tardinha, nascia para o céu Frederico Oxanam, o Fundador das Conferências de S. Vicente de Paulo. Apenas com 40 anos... e uma vida cheia como a de raros homens!

Morreu jovem mas teria morrido em plena juventude ainda que o derradeiro dia tivesse vindo tarde. Por isso ele é modelo para a gente nova.

Apassionado por um Ideal, sempre lutou por ele, em todos os actos da sua vida.

Era cristão e acreditava em Cristo. Não esperava senão d'Ele a salvação do mundo. E porque cria e esperava, amava os homens, seus irmãos, que Cristo amara até à última gota do seu sangue.

Oxanam não viveu para si. Foi uma daquelas existências sociais, patríonias da Humanidade criada para destinos eternos.

Hoje, em que é tão vulgar o homem dividido em si mesmo: cristão das 8 às 10 da manhã; político (e às vezes de cor mal definida) dos 11 às 6 da tarde; indiferente a tudo até à hora de deitar — hoje, dizia, a pessoa de Oxanam é farol de preciosa luz a iluminar este século, chamado «de luzes».

Ele é exemplo do homem íntegro, que subiu da cátedra universitária, por ele tão honrada, à mansarda dos seus pobres, com a mesma simplicidade e o mesmo encanto e o mesmo brilho, como só os homens de Deus — os homens que vivem de Deus — são capazes.

Combateu o bom combate, sem des-
(Continua na quarta página)

ISTO É A CASA DO GAIATO

... Eram onze da manhã quando chega o carteiro com um enorme maço de cartas e o livro de registos e valores declarados, e rolos de jornais e ilustrações e caixotas com selos usados e amostras sem valor. Cartas par avion com tarjas de fantasia. Os selos mais variados, alguns de rara inspiração, colhida na fauna e flora; barbaletas, passarinhos, bichos! O tamanho das cartas. A qualidade do papel. O feitio da letra. Tenho ali um mundo sobre a mesa, pronto a explicar se.

Assino o recibo dos valores, o carteiro retira-se, com um até amanhã se Deus quizer. Fecho a porta. Sento-me e puxo a cadeira para junto da mesa. Começo. Devia ter ali a faca de marfim, o lápis de cor, aguçado, tinta encarnada; tudo, para bem dar conta de tudo. As cartas são muitas. Cada uma traz uma vida. Ora eu devia estar devidamente e previamente apetrechado, sim, e não estou nada. Em vez de faca de marfim, contentava-me com um simples canivete, mas este, quando o tenho, dura pouco tempo...! Lápis de cor é a grande tentação...! De sorte que eu começo a abrir com as unhas. Quero riscar e não tenho com quê. Chego ao meio da tarefa impaciente. E isto todos os dias sem tendências a melhorar! Ontem, mal tinha começado, o Manel do Embrulho abre a porta impetuosamente para me dizer que o Zé Lemos arrumou-me aqui com uma batata. E mostra o sítio—ó! Impacien-



Eis aqui o grosso da tipografia. Compositores. Impressores Encadernadores. Júlio no meio.

Zé da Lenha é o da máquina grande a qual, por isso, o empenhece. Quando tal, delibera fazer serão. preciso ir buscá-lo, senão fica toda a noite. Esquece-se. O zelo! A convicção! Eles são da Obra. Os mais pequenos por enquanto, comem boroa. Aonde estiver um, está igualmente um imenso naco dela, que eles rilham à maneira que aprendem. E desta sorte, mais tarde, sendo necessário, fazem exactamente como o Zé da Lenha. Ele foi assim. Ia buscar pão ao armário quando lhe apetecia. Sem figos não há amigos! A força motriz das nossas casas é o pão cozido e o armário aberto. Se os rapazes amam, defendem e dão a vida pela Obra, o mesmo farão outros, se da mesma forma os tratarem. Ama e será amado.

de o destituir, tantas as queixas dos subordinados! Terei de o suportar até à próxima época. Mais cabelos brancos...!

Para evitar esta e mais questões, eu venho aqui pedir ós senhores que não t. rnem a mandar selos e que não faç m caso das falas meigas com que eles os pedem. Nós aqui somos uma comunidade íntima que não se dá um facto sem passar pela alma de todos os mais O que se percuta, imediatamente se repercute. Somos um piano imenso de infinitas teclas aonde a desarmonia parece, sim, mas dentro é harmonioso.

... Manel do Embrulho, hoje repostado, além de meu refeiteiro é também criado de quarto. Este rapaz é um simpático impaciente. Procura fazer tudo muito depressa e se os outros não cooperam, ele barafusta. Assim é que, se vai à cozinha pelo meu jantar e não encontra as coisas, levanta imediatamente a voz e quer saber porque não. Ora Manel do Embrulho, dadas as seis e meia que é o toque da sineta matutina aparece no meu quarto a dizer que são horas de fazer a camal. Eu olho. Oiço. Gostaria de ficar mais. O Manel também olha. Implanta-se e sem me dizer nada, diz-me afinal tudo. E eu



Por mais incrível que nos pareça, são estas e não é mais ninguém. São estas 4 rapazes, Aveilino à frente, os responsáveis pela escrituração, ficheiros e expedição de 37 000 unidades, duas vezes por mês; que tal é hoje a expedição de O Gaiato.

Tudo é lucro, nesta importante secção da Obra. Olhar para estes rapazes assim ocupados, é excesso. Se não fosse aqui, trabalhando, andariam por lá, vadiando. É tudo lucro.

Zé Eduardo, nas férias, bota a mão e em lugar de quatro são cinco. Eu deliberei chamar ao

escritório deles, a sala da mocidade portuguesa e disse que lhes havia de dar um prémio, de bem que as coisas têm corrido. Zé Eduardo, que é rapaz de ideias, faz uma associação delas e que é que vai buscar? De que se lembra ele num instante? Um cruzetrol! Dê-nos um cruzetinho de férias.

te como eramos, perde a gente o dom do conselho e em vez de acomodar disse—olha, atira-lhe com outra! Ora isto não pode ser.

... Faisca acaba de chegar com seu exame feito; segundo do Liceu. Foi em Aveiro. Faisca deslocou-se ali, ido de S. João da Madeira, Colégio Castilho, aonde, por graça da Direcção, se preparara. Uma vez naquela cidade, instala-se numa pensão. E desata a comer e a beber e a dormir fiado.

Só soube da avaria quando ele, Faisca, no regresso me pede oitocentos escudos. A meio das provas e porque visse o negócio mal parado, Faisca dirige-se à estação do caminho de ferro, aonde compra bilhete para Viseu. Que teria ido ali fazer o irrequieto? "Uma cunha". Faisca, com medo de ir ao fundo em Aveiro, vai a Viseu por uma boia. Eis.

Não há ninguém que não diga, ouvindo tais habilidades, que não seja menino prendado, quem tantas prendas mostra. Pois não é. Não é não senhor. Ninguém quer nada com o Faisca. Aveilino, a quem eu o apresentei para seu ajudante de férias, declara-me redondante de nem a sombra. Ele é um desordeiro. D li dirijo-me ao escritório do Júlio, de quem oiço a mesma coisa. Ninguém o quer. Nomeei-o chefe dos cicercos ao domingo e estou a ver que tenho

... Faisca deve continuar o Liceu no Colégio Pedro Nunes em Coimbra. Não temos no dicioário a palavra para agradecer a D. Julieta, e todos os mais da Direcção o fervor com que nos aceitam e amparam todos os rapazes que para ali temos mandado, e temos mandando e havemos de continuar enquanto à sua Bondade, possamos responder com a nossa ilimitada gratidão.

... A questão de selos é actualmente a mais conflituosa da nossa Aldeia. Chegam cartas e pacotes com eles, todos os dias. Há grande empenho no seio de todos, a ver qual será o primeiro a ir por eles ó caixote. Até aqui era o Abel e não era mais ninguém. Meio dia e ele já vinha escadas acima, entrava no escritório, despejava o caixote e estava. Porém, apresenta-se um atrevido usurpador. É o Manel do Embrulho. Ele tornou ao serviço da Casa Mãe, depois dum castigo de trinta dias. Já tinha, mas agora, em convívio com os outros, adquire mais estreitas relações. É popular. Os interesses, pedem-lhe e ele antecede-se ó Abel. Este chega e dá com tudo rapadol Rapadinho. Nem um sel! Ora ontem houve aqui um grande barulho mesmo nas minhas barbas. Foi o caso que Abel apar ce mais cedo, encontra o faltoso com a boca na botija e prega lhe dois caxaços.

levanto-me da cama e começo o dia mais cedo do que des-j ria por causa do ímpeto do Manel do Embrulho!

... Manel do Embrulho ateima em pôr o meu pequenino refeiteiro segundo os seus gostos e suspende das paredes as coisas mais fantásticas. Passado dias vai e com novos pregos na parede, suspende as coisas noutra lado. A senhora quis interferir, mas eu disse que não. Respeite-se a estética do Rapaz. Dê-se liberdade de pensar e de agir e somente aonde for moralmente errado é que se deve levantar o vcz e a mão. São bois de barro. É um homem a cavalo numa pipa do mesmo material. É um emblema do seu clube afeiçoado, maior retrato dos azes. É uma Nossa Senhora. De tudo que ele gosta também eu.

Se o Manel faz buracos na parede, isso que importa se nós temos cá outro Manel. É o Manel Pedreiro. Este era moço de cego e veio em pequenino. Esteve em Miranda. Esteve no Tejal. Tanto trabalha com granito, como tijolo, blocos de cimento, mex e aplica tintas. Põe vidros. Compõe telhados. Foi à tropa e ficou livre. Era indigitado para a África. Porém no dia do casamento dos dois, ele aproxima-se e declara espontaneamente o que há muito eu guardava no peito; ser ele o conservador dos dezoito edifícios da nossa Aldeia e ter aqui um curso permanente de trolhas, pedreiros e pintores. Claro está que abracei. Pode o Manel do Embrulho esburacar que o outro Manel vai ercher.

... Faisca, o corrido, não me larga por um relógio. Todos os dias me frita. Ele quer um relógio. Ora eu tenho a certeza que, se alguém lho der, ele vai imediatamente ver como aquilo é por dentro. Quem não quiser acreditar que experimente...

Assim como tinha sido o ano passado, também este, Faisca tratou de fazer um discurso, sem ninguém lho ter encomendado. Primeiro o rascunho e depois passa à máquina no escritório e com lizerça do Júlio. Um discurso a proferir na visita do Futebol Clube do Porto.

Faisca começa por dar graça e infirma que uns cidenta por cento dos rapazes da Aldeia são portistas. A notícia chega num instante aos ouvidos do Zé da Lenha, que estava, ao tempo, ocupado com a grande

(Continua na página seguinte)



Estes são os carpinteiros. Estamos quase no fim do enorme e actual edifício das oficinas, tendo a secção dos carpinteiros espaço para vinte bancadas. O mestre está ao pé deles; é o António.

Apenas estejam à altura de ganhar o pão de cada dia, dá-se-lhes o seu dinheiro, alguma ferramenta e eles deixam lugar a outros. Podendo nós e querendo eles embarcar, melhor.

Todos os dias aqui nos chegam mães com seus filhos pela mão; e se não podem vir, escrevem. A história é uma. Tinha o filho num asilo. Chegaram os 15 anos. Tem de sair. Ela pretende um lugar aqui p'ó meu filho aprender um ofício. Na casa onde esteve e de onde ora sai, não aprendeu.

O Evangelho diz muito mal daquele que começa a edificar e não acaba. E tu que dizes?!

PELAS CASAS DO GAIATO



Aqui, LISBOA!

PAÇO DE SOUSA Por este meio vimos agradecer a todos os nossos amigos que têm enviado trabalhos para a tipografia.

Os tipógrafos estão todos contentes, pois assim têm mais possibilidade de aprender a arte a que devotadamente se dedicaram.

—O Manuel Henrique (Hélio), é o rei da infelicidade..

Depois de vários tombos que tem tido de bicicleta, aqui em Paço de Sousa, tornou a cair, mas desta vez foi em plena cidade do Porto, onde se esbarrou contra uma senhora. Estamos mesmo a ver que só para o Hélio é preciso um sinalzinho...

—Para a colção do senhor Padre Babo, já só faltam 1—9—10.

Vamos a ver se nesta última arrancada podemos atingir a meta.

—Para termos cá a colecção completa de «SELECÇÕES DO READER'S DIGEST», falta o número 14, de Março de 1943.

Se algum amigo a possuir, tenho a certeza que no-la envia, pois logo se deve lembrar que a malta a espera ansiosamente.

—Mais uma vez fazemos o apelo à consciência dos nossos amigos, para se lembrarem da nossa conferência que ainda não superou o deficit que há meses a vem atormentando.

Avante caros amigos, pois nós não podemos diminuir a escola, porque grande parte dos chefes de família são tuberculosos e têm grandes dívidas nas mercearias.

—No dia 30 de Agosto, veio à nossa aldeia a grande família portista, que nos veio oferecer parte do seu coração!

Calcula-se em 6 000, as pessoas que inundaram a nossa sempre risonha aldeia.

Chegaram às 10 horas da manhã, inauguraram a casa do Futebol Clube do Porto. Ofertaram outra e só à noite regressaram à nobre e leal cidade do trabalho.

—Depois desta grande festa, já se fala também na vida do Boavista Futebol Club.

É natural que isso aconteça, pois o Boavista faz meio século e não gosta de ficar atrás do Futebol Clube do Porto.

—Ao pedido dos selos, também acudiu o senhor José Ferreira de Alcabideche, Estoril, o que muito tenho a agradecer.

O a bum é que ainda não veio, mas não deve estar esquecido...

Daniel Borges da Silva

A Venda do Jornal em ARCOS DE VALDEVEZ...

Pedi ao Pai Américo e lá fui. Fui acompanhado pelo tal senhor meu amigo. Saímos do Porto pelas 3 horas.

Chegamos a Braga, paramos e saí do carro não para vender mas sim para conhecer. Não tínhamos tempo a perder e seguimos com intenções de parar em Vila Verde. Chegamos a Vila Verde o carro parou e eu teci a vender. Depois de 15 jornais vendidos, regre sei para junto do carro para seguirmos a nossa tarefa.

Daqui a nada estávamos na Ponte da Barca. Como já conhecia, o senhor deixou-me ali e foi para os Arcos. Corri as ruas e todos a quem oferecia todos me compravam. Tudo muito boa gente. A Polícia de Trânsito já estava a esquecer e então dirigi-me para lá onde vendi 15 jornais. Saí da Ponte da Barca com 25 jornais vendidos. Tomei a camioneta e fui para os Arcos. Mal cheguei lá comeci logo a distribuir. Depois de vender alguns jornais fui para o Hotel Ribeira acompanhado com o senhor. Acabamos de comer fomos passear. Naquele dia havia lá festa grande e eu comeci a distribuir, mas a distribuir de verdade!

Guardei alguns jornais para o dia seguinte. No Domingo de manhã comeci a vender. Acabei os jornais na missa das 11 horas. 115 jornais vendidos em Arcos de Valdevez!

Quando acabei de vender os jornais apareceu-me o Senhor Padre Presa. Começamos a dizer notícias e então ele afirma que Arcos de Valdevez também terá casas do «Património dos Pobres». Oh! que notícial Casas para os Pobres! E então o primeiro dinheiro vai ser oferecido pelo Pai Américo, (se ele estiver de acordo). O Senhor Padre Presa foi o que pensou nesta tentativa, quer um auxílio, e oxalá que todos os Arcuenses estejam de acordo. Agora é nos Arcos, em Viana também já há, mas isto ainda é pouco, nós queremos casas do «Património dos Pobres» em toda a Província do Minho.

UM CENTENÁRIO Continuação da segunda página

falecimento, em todos os dias da sua vida

Oxalá a coroa da Sua Glória se façamos nós a compô-la—nós, multidão de jovens e amadores do seu Ideal e seguidores de seus passos.

C. G.

Viva Arcos de Valdevez que está a construir casas do «Património dos Pobres»!

PAPAGAIO

... E BARCELOS

Quando comeci a ir vender o jornal àquela cidade, tudo ficava admirado por ver um jornal que nunca se tinha vendido. Isto tudo na primeira quinzena. Estando eu na mesa do meio-dia, quando se chega à minha beira um sr. e me pergunta se eu já tinha aonde ir almoçar, eu disse-lhe que não e ele disse-me se eu queria ir com a casa dele e eu disse-lhe que sim senhor. Quando lá cheguei comi. O almoço acabou, eu fiquei muito contente porque estava a ver que tinha de ir a um Rest. u ante gastar dinheiro da venda do jornal. Na segunda quinzena já tudo me oferecia de comer e até houve quem me dissesse, podes ir comer a minha casa quantas vezes quiseres, porque a casa é minha e até podes pesar na bicicleta e ir passear com ela. Isto quer dizer que não falta gente de bom coração em toda a parte que os gaiatos estejam.

Há lá pessoas que de javam ver o Pai Américo, mas já que ele não pode vir, vem um representante dele, é o que dizem. Depois deste bom coração me fazer tanto bem só tenho a agradecer e digo muito obrigado. Os jornais é que se vendem muito poucos e os acréscimos raras das vezes não chegam para as viagens. Vamos a ver se daqui para o futuro se vendem mais Adeus boa gente de Barcelos.

Também pedia aos nossos amados e queridos leitores do jornal a ver se podem mandar alguns livros do curso industrial do 1.º ano do curso Electrotécnico agradeço o gaíto,

Xan-Cat-Chê

Notícias da Conferência

da Nossa Aldeia

OZANAM E A SUA OBRA — O mundo vicentino e estóico comemora o centenário de Ozanam. Espírito inflamado de amor cristão, exemplificou aos incrédulos que a Doutrina do Divino Mestre tem raízes na Caridade.

Naquele tempo a França era um paiol. A Revolução Francesa acusava os seus males. Tudo o que cheirasse a Cristo, eram palavras. Ozanam, jovem, cristão íntegro e batalhador, desembainhou a espada e disse que não. A nossa Santa Religião é vivificada, também, pela prática da Caridade e da Justiça. Sem estes atributos, não há, verdadeiramente, cristianismo.

É consolador verificar que as Conferências activas e empreendedoras, provam ser das células mais fortes da Igreja. Abraça-se o amor do próximo, semelhante ao amor de Deus: Tudo o que fizeres ao mais pequenino dos teus irmãos, a Mim mesmo o farás. Foi esta a linha que serviu de guia ao Fundador das Sociedades de S. Vicente de Paulo.

No dia em que cada paróquia existir sua Conferência, nesse dia, digo, apesar do insignificante contributo material para os Pobres, será um passo em frente para a conquista duma sociedade melhor e mais cristã. Sim, ontem como hoje, a história repete-se. Há os incrédulos, que perguntam o que se faz pelos Filhos Predilectos de Deus—os Pobres, nossos irmãos. Com que prazer espiritual mostraríamos o «exército» das conferências paroquiais.

Olhando os Pobres com desprezo, abandonando-os, não fazemos o jogo dos carrascos de Jesus? Por muito que doa aos bem instalados, hoje mais que nunca, tem de se viver a Caridade e a Justiça. A época é de missão. O mundo sem Caridade, não acredita — porque Jesus é CARIDADE.

JÚLIO MENDES



Fontelas começou em muito boa hora. Esta casa é repartida e dá para duas famílias. Fontelas de co pé da Régua. Pár.co, médico e outros, estão empenhados em fazer mais delas.

Todos os dias! Por carta, pelo telefone, em pessoa — todos os dias, são sem número os pedidos de entrada que aqui dão!

E nós, postos neste lugar para dizer que sim, pela grandeza das necessidades e pela pequenez das nossas forças, tornamo-nos máquinas de dizer que não.

P.º Adriano costuma contar que a ninguém nega tantas vezes como a si próprio. Quantos casos ele vê por esses bairros de miséria, sem lhes poder acudir!

Há tempo foi pelo telefone. O pai, um dominado pelo vício e pelo crime talvez já nem de si queira saber... A mãe, cancerosa, agoniza num hospital. Três filhos. Os mais pequeninos estão já assistidos, mas o mais velho ainda não. E a mãe morre com a dor de o saber abandonado nas mãos daquele pai.

As vicentinas em campo lembraram-se da Assistência oficial. O pequeno tem 12 anos. Há perigo próximo de perversão. Recorreram, mas só em Outubro, por que a Justiça embarcou para férias. A Pobreza ficou; não tem férias. E ficou a Caridade.

É mais um caso que me faz repensar no que muitas vezes penso: quão fraco e insuficiente é o rendimento da assistência quando não há presente a Caridade.

Homens, são o objecto último da assistência. Homens a socorrer em suas necessidades.

Necessidades que não surgem das 9 às 12 e das 14 às 18, nem somente de Outubro a Julho, mas surgem quando sim.

Necessidades que por muito materiais que sejam, o são de seres espirituais, com exgências incompontáveis por um regulamento com artigos, parágrafos e alíneas. A miséria não é um problema do estômago; é um problema do homem. Tanto como falta do indispensável à vida animal, ela é uma carência de educação, de recondução a um nível humano.

Se a assistência se limitar a dizer boas palavras, deixará morrer o animal que é suporte do homem. Mas se visar apenas a morte da fome, deixará perder o homem, fará injúria aos homens e pecará contra Deus.

NOTÍCIAS

Esteve aqui no dia 30 de Agosto a Direcção do Futebol Clube do Porto com a Família Portista, que vieram de comboio e de automóvel e bicicletas e tudo Inaugurou-se a Casa do Futebol Clube do Porto, sita no lugar das Alminhas, freguesia de S. Salvador de Galegos. No próximo ano, procede-se à inauguração de uma outra casa, agora a Casa dos Adoptos. E assim enquanto o mundo for mundo.

Também estiveram os da Empresa Carbonífera do Douro Lda.—Minas do Pejão, como o povo diz. O povo corta a direito. Deixaram uma considerável soma Era o Engenheiro Director com sua Esposa,—belgas. Eram empregados superiores. Eram os jogadores. E eram e eram e eram.

Não vejo que uma assistência funcionária, dê pão ao corpo e alimento ao espírito. Não a vejo dar casa ao desalojado da barraca ou da furna e depois acompanhá-lo fraternalmente para o ensinar a viver debaixo de telha, entre paredes caiadas.

Isto exige abnegação, renúncia, sacrifício, perseverança, capacidade de ir além da justa comodidade de cada qual.

Isto não se faz por amor dos homens, se este não for pelo amor de Deus. Isto só a Caridade sabe e pode.

E quem não acreditar que experimente

C. G.

AGORA

Estava hoje aqui escrevendo a um pároco da aldeia, a quem tinha justamente feito um cheque de doze contos, quando oço a campanha do telefone. Levanto-me e atendo Era o Carlos Inácio, actual chefe do Lar do Porto. Tinha estado ali uma senhora com uma carta. O rapaz abriu. Doze contos para uma casa do Património, era a notícia que vinha mais as doze notas do Banco!

Se hoje, depois de tanto esclarecer, ainda existe alguém com escamas nos olhos, devemos dizer que elas são mas é da inteligência; por isso, é impossível ver os factos e dar glória a Deus. Com os de boa vontade, já assim não é. Esta sorte de coincidência a que propositadamente damos realce, serve-lhe de aumento de Fé. A mim também. Sem estes toques, não haveria homem que se segurasse em obras desta natureza. E vamos prás mill!

Isto é a Casa do Gaiato

(Continuação da terceira página)

tiragem de O Gaiato. Suspende o trabalho imediatamente! O assunto em causa é muito mais importante do que a simples tarefa de tirar e retirar 37 mil exemplares de uma simples-gazeta. Há que esclarecer as coisas. Manda chamar e falca vem. Ao tempo eram já todos os portistas das oficinas reunidos em volta do protestante. Verifica-se que a grande maioria dos da casa comungam no Sporting. Falca tenta defender-se. Chamam-lhe o graxa. O amante. Outros nomes. Quando o chefe acode, já havia narizes a botar sangue!

UMA SURPRESA

(Continuação da segunda página)

risco e o suor de gente portuguesa.

Ora tudo isto vem para dizer que ontem, a propósito da tal pequenina notícia, recebemos uma carta da Casa Olaio, fazendo se assinante do nosso jornal, com uma cota de 200\$. Mais surpresa e mais alegria. Não tinha razões para supor que uma coisa tão escondida, qual a notícia, fosse capaz de acender uma tal fogueira. E já agora duas palavrinhas de gratidão ao senhor José Pedro Olaio e duas de congratulação a todos e a cada um dos seus operários. Se já no coração d'África, é preciso ir também aos grandes centros de outras longínquas cidades. A perfeição é uma das condições. O bom acabamento é a condição daquela. O que nós vimos em Robert Feld era perfeito porque bem acabado.